

# Responsabilidade x exclusão social: O desafio social para as empresas no terceiro milênio

**VALÉRIA APARECIDA DA ROCHA TORRES**  
Mestra e Graduada em História Social do Trabalho pela  
UNICAMP. Diretora da Metaeduca - Assessoria Educacional.  
Professora do UNIPINHAL.  
valtorres19@hotmail.com

## RESUMO

**E**ste texto tem por objeto de reflexão a questão da responsabilidade social das empresas em nossa contemporaneidade. Partindo de uma análise do processo histórico de organização do sistema capitalista, que tem por lógica estrutural a exclusão social, colocamos a seguinte questão, o desafio empresarial para o terceiro milênio é justamente situar-se frente ao problema da exclusão social.

A partir dessa problemática demonstramos que algumas empresas, atualmente, estão assumindo sua responsabilidade social, além, das ações filantrópicas e desenvolvendo estratégias políticas de ações sociais como parte constituinte de sua estrutura administrativa, no entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido até que o empresariado de forma global consiga vislumbrar a responsabilidade social como um investimento.

**Palavras-chave:** Responsabilidade social, investimento e ações sociais.

## ABSTRACT

**T**his text has as for reflection the discussion of the companies' social responsibility, a very present issue nowadays. Leaving of an analysis of the historical process of organization of the capitalist system, that has for structural logic the social exclusion, we place the following question, the enterprise challenge for the third millennium is exactly to place front to the problem of the social exclusion. From this problematic we demonstrate that some companies, currently, are assuming its social responsibility, beyond, of the philanthropics actions and developing strategies politics of social actions as constituent part of its administrative structure, however, still has a long way to be covered until the entrepreneurs one of global form obtains to glimpse the social responsibility as an investment.

**Key Words:** Responsibility, social investment and actions.

---

“A urgência do pensamento é a resposta humanamente possível à necessidade de compreender o que se passa e, posteriormente, à capacidade de ajuizar os acontecimentos e seus atores. Pensar é, pois, corresponder aos desdobramentos do agir que nos atingem ou como ruína ou como salvação.”

Antonio Abranches – trecho extraído de sua introdução ao livro de coletâneas de textos da filósofa alemã Hannah Arendt – “A dignidade da política” p.11

## INTRODUÇÃO

O sistema capitalista desde a sua origem tem como lógica fundamental a exclusão social, econômica e política, na Inglaterra do século XVII esse processo começou com os enclosures (cercamento de terras comunais), os cercamentos destinavam-se à criação de ovelhas para a obtenção de lã utilizada como matéria-prima para a indústria têxtil. Esse processo demarcatório resultou na diminuição das áreas de cultivo para a subsistência, substituindo as plantações pelas pastagens, conseqüentemente, os antigos camponeses-proprietários foram expulsos de suas terras, migrando para áreas urbanas e lá transformando-se em mão-de-obra de despossuídos, sem outra alternativa a não ser vender sua força de trabalho para o capital, que nesse contexto se acumulava de maneira voraz.

De acordo com o historiador inglês Eric Hobsbawm “as transformações levadas a efeito pela Revolução Industrial inglesa foram muito mais sociais do que técnicas, tendo em vista que é nessa fase que se consubstancia a diferença crescente entre ricos e pobres”

Com as manufaturas, o capital cada vez mais se concentrou nas mãos de uma minoria burguesa, enquanto que crescia o número de trabalhadores, despossuídos de instrumentos de trabalho, cuja qualidade de vida decresceu sensivelmente.

Essa nova ordem sócio-econômica gerou conseqüentemente a intensificação da miséria e da

pobreza, as camadas populares, compostas por camponeses afetados pelos cercamentos, artesãos da pequena indústria rural e trabalhadores das oficinas ou fábricas, empobreceram tanto, a ponto de aparecer um grande número de indigentes, com os quais a sociedade e o Estado da época tiveram que aprender a lidar, não é por acaso que nesse mesmo período surgem as sociedades filantrópicas e assistenciais.

Ao mesmo tempo as condições subumanas de trabalho, as horas excessivas de atividade e a baixa remuneração foram a causa de violentas manifestações por parte dos operários que tentavam destruir as máquinas das fábricas, identificadas por eles como a causa de sua existência miserável.

Entre essas manifestações encontramos a primeira forma de organização e protesto contra a exploração e exclusão, o movimento ludista, iniciado em 1811, esse movimento, que espalhou o terror entre os distritos industriais do centro da Inglaterra, foi violentamente reprimido pela classe dominante com julgamentos sumários que terminaram em enforcamentos.

Dessa forma, desde seu momento inicial a transformação industrial, com a introdução da máquina no processo produtivo afetou profunda e paulatinamente todas as formas da vida social, pois, como acabamos de abordar a massa trabalhadora perdeu o acesso às terras, à justiça e também ao domínio de seu próprio trabalho.

Para termos uma idéia melhor dessa realidade citamos dois relatos das condições de vida desses trabalhadores durante o século XIX:

### O trabalho das mulheres

Depoimento de Betty Harris, 37 anos trabalhadora nas minas de carvão:

*“Casei-me com 23 anos, e foi somente depois de casada que eu desci à mina; não sei ler nem escrever. Trabalho para Andrew Knowles, da Little Bolton ( Lancashire). Puxo pequenos vagões de carvão, trabalho das 6 da manhã às 6 da tarde. Há uma pausa de cerca de uma hora, ao meio dia, para o almoço; dão-me pão com manteiga, mas nada para beber. Tenho dois*

*filhos, porém eles são jovens demais para trabalhar. Eu puxava esses vagões quando estava grávida. Conheci uma mulher que voltou para casa, se lavou, se deitou, deu à luz e retomou o trabalho menos de uma semana depois...”*

## **As condições de vida do operário industrial**

Engels via os trabalhadores amontoados como ratos em suas moradias apertadas, famílias inteiras – e às vezes mais de uma família – socada em um único cômodo, os sãoos juntos com os doentes, os adultos junto com as crianças...

A demanda crescente de mulheres e crianças nas fábricas fazia com que muitos chefes de família se tornassem desempregados crônicos...

As crianças, que começavam a trabalhar nas fábricas com 5 ou 6 anos de idade, recebiam pouca atenção das mães que também passavam o dia todo nas fábricas, e tão pouco recebiam instrução de uma sociedade que só queria delas que executassem tarefas operações mecânicas...

Nos anos de depressão, o superávit de mão-de-obra que era tão útil nos anos em que a economia ia bem, era despejado nas cidades; estas pessoas tornavam-se mascates, varredores, lixeiros ou simplesmente mendigos - viam-se famílias inteiras mendigando nas ruas – e, o que era quase igualmente comum, prostitutas e ladrões...

Os dois relatos tratam de situações comuns nos séculos XVIII e XIX, foi necessário muita luta política para que esse quadro se revertesse, principalmente ao longo do século XIX com o início da organização do trabalhadores em todo o mundo, com a formação dos partidos de esquerda e com a Organização Internacional do Trabalho. Mas foi durante o século XX (primeira metade) que legislações trabalhistas que protegiam ou a tomar

pretendiam proteger e mediar os conflitos capital/ trabalho, começaram a tomar forma pelo mundo afora, principalmente, em função da existência do socialismo real na antiga União das Repúblicas Soviéticas Socialistas que formavam uma possibilidade de alternativa ao modo de produção e à sociedade capitalista.

Dessa forma, assistimos durante todo o século XX a Guerra Fria que se travou entre os blocos capitalista e socialista, que no início dos anos 90 desse mesmo século culminou com a “derrocada” da maior potência socialista da época, a União das Repúblicas Soviéticas Socialistas que se rendia à força do capital, não é o propósito deste texto

elaborar uma análise do processo que levou à ruptura do bloco socialista, porém, faz-se necessária essa breve digressão para pontuarmos o objeto dessa reflexão.

A década de 1990 do século XX formou-se em torno do discurso e da prática política a qual denominados de “neoliberal” e que levantou a bandeira da eficiência econômica do Capital em detrimento do Social, sendo que o discurso político do Estado de Direito e das liberdades individuais vieram apagar a possibilidade da criação de alternativas coletivas ao sistema de produção de riquezas e ao acúmulo desenfreado do capital, como ressalta Paulo Freire “Daí a crítica permanentemente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo da sua ideologia fatalista...”

Essa “cínica ideologia fatalista” do neoliberalismo se apresenta hoje como a única (num claro discurso totalitário) alternativa de organização social, política e econômica colocando-nos frente ao “triumfo” neoliberal no Brasil que em termos econômicos gerou o aumento do desemprego e conseqüentemente do processo de miserabilidade da população principalmente nos grandes centros populacionais onde fica evidente “a indigência absoluta”.

**As crianças, que começavam a trabalhar nas fábricas com 5 ou 6 anos de idade, recebiam pouca atenção das mães que também passavam o dia todo nas fábricas, e tao pouco recebiam instrução de uma sociedade que só queria delas que executassem tarefas operações mecânicas...**

Passou a ser constante no “cenário” das grandes cidades vermos cada vez mais pessoas morando nas ruas e comendo lixo, são homens, mulheres, jovens, crianças e idosos que não têm alternativas a não ser comer lixo para sobreviverem, são eles e elas um “fenômeno sociológico” do novo milênio ou um pesadelo?

Estudar e compreender a exterioridade da miséria como um fenômeno social não é uma novidade em termos de investigação, porém a questão é estabelecer um diálogo entre essa indigência absoluta que nega cotidianamente acesso ao mínimo de dignidade e a qualquer forma de trabalho e, o que do ponto de vista do discurso neoliberal é tipificado como o Estado Democrático de Direito que se propõe por meio de uma estrutura legalista à igualdade e o acesso às condições mínimas de sobrevivência para todos.

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da Sociologia que surgiu como ciência no século XIX justamente com a finalidade de dar conta das transformações ocorridas com o desenvolvimento industrial e urbano que provocou a aceleração da concentração de riqueza aprofundando as contradições entre ricos e pobres deixando-as mais evidentes na medida em que estavam ocupando o mesmo espaço urbano.

Como também cabe ressaltar que em nossa contemporaneidade surge algumas experiências que tentam dar conta do processo de exclusão social e apresentar algumas formas de solução para problemas como: a violência e o abandono de crianças e adolescentes, as questões ambientais, a intolerância, o racismo, inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais, a discriminação contra mulheres e homossexuais, enfim, se a exclusão social se acirrou em função da alta concentração de capital e da tecnologia, por outro lado o próprio capital está buscando essa solução em forma de uma política denominada **responsabilidade social**.

## **2 - QUEM É SOCIALMENTE RESPONSÁVEL?**

A temática “Responsabilidade Social” tem sido alvo constante de análises no mundo

corporativo. E para além da expressão de compromisso com as causas sociais, incorporou-se como opção de um modelo de gestão. Modelo já adotado, principalmente, pelas grandes empresas sintonizadas com um mundo globalizado cada vez mais exigente em relação à dinâmica de seus negócios e à sustentabilidade empresarial.

Dentro do universo corporativo conceitos sobre “responsabilidade social” têm sido vários e flexíveis, de acordo com a capacidade de compreensão de seus profissionais, não poucas vezes diretamente vinculada à cultura institucional prevalente na empresa.

Se formos, entretanto, buscar elementos de identidade para uma empresa “socialmente responsável”, tem havido certo consenso ressaltar as que adotam processos que incorporam escuta e negociação com seus parceiros de negócios - internos e externos - fortalecendo uma cultura institucional voltada à democratização das relações de trabalho. Nesta linha e através destes parceiros, as empresas estabelecem relações de comprometimento com uma agenda social consolidada por projetos de caráter sustentável, que apontam para a crucial questão da desigualdade de renda no Brasil.

Até o final da década de 1980 bastava para uma empresa oferecer bons produtos e serviços e tratar de forma ética seus fornecedores e parceiros para que tivesse uma boa representatividade social e no mercado. Com avanço tecnológico passou a ser uma marca de competitividade a empresa que possuísse uma política de recursos humanos e investisse na qualificação de seus funcionários.

É em função do mercado, que obviamente as empresas se reestruturam para manter seu nível de competitividade, porém, atualmente o próprio capital está observando que sua responsabilidade não é somente com o mercado, o aumento preocupante dos problemas sociais, principalmente aqueles que “espantam” o investidor internacional, está colocando na pauta das empresas uma palavra de ordem: comunidade.

Várias empresas começaram a prestar atenção na forma como se relacionam com a s, a

comunidade a sua volta, não simplesmente respeitando-a, mas atuando de forma ativa para ajudá-la. É uma nova consciência do contexto social e cultural no qual se inserem as empresas, a chamada responsabilidade social.

No entanto, responsabilidade social vai muito além da benemerência, pois não reside em ações de doação assistencialista por parte das empresas, mas sim, numa estratégia de utilização de recursos, fazendo parte da estrutura orçamentária das empresas o investimento em ações sociais.

De acordo com uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 68% das empresas pesquisadas têm as ações sociais como parte de uma estratégia, com eficácia avaliada de forma permanente e com orçamento próprio, além de ter uma equipe responsável pelo desenvolvimento e supervisão dos projetos. Cerca de 50% dessas empresas investem até 3 milhões de reais por ano em projetos sociais e 18% delas investem quantias ainda maiores.

Portanto, hoje ao falarmos de responsabilidade social estamos abordando uma temática que se tornou uma questão de investimento para o mundo empresarial, pois, podem se tornar uma via para o próprio desenvolvimento sustentável.

De acordo com Miguel Fontes Diretor da John Snow consultoria especializada em gestão social, há uma crescente evidência sobre a relação direta entre investimento social e crescimento econômico, por exemplo:

*“Em um levantamento dos investimentos realizados a “fundo perdido” pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para crianças em situação de vulnerabilidade no Rio de Janeiro, resultados surpreendentes foram encontrados em relação à razão custo X benefício desses empreendimentos sociais.*

*Subdividido de acordo com uma segmentação baseada em capital social: a) existente; b) parcialmente existente; e c) não existente, o estudo demonstrou que para cada R\$1,00 investido em projetos com crianças com capital social “existente”, o retorno econômico é, em média, de R\$9,31. Do outro lado, embora menor, investimentos em projetos com crianças com*

*capital social “não existente” também apresentam um saldo positivo. Para cada R\$1,00 investido, o benefício econômico é de R\$ 4,75.”*

Ainda de acordo com Fontes estamos vivendo um período de mudanças de paradigmas e perspectivas,

pois, o estudo do custo X benefício de investimentos sociais demonstra a importância de modificar o atual paradigma de custo e gasto social para investimento social, pois, diversas ações sociais geram enormes riquezas econômicas, principalmente aquelas que não visam ao resgate de dívidas sociais, como no caso de projetos com crianças em suas próprias comunidades. A existência e demonstração desses retornos têm um efeito direto para o desenvolvimento de novas políticas públicas.

### 3 - BONS EXEMPLOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Apesar de ficar evidente que o investimento social é importante para própria sustentabilidade social, inclusive pelo fato de que vivemos em tempos de Estado frágil sem políticas sociais concretas e definidas, e dessa forma o próprio capital assumindo pelo menos em parte a sua responsabilidade com a comunidade na qual se insere, ainda temos muito que sensibilizar o empresariado brasileiro quanto ao investimento e responsabilidade social.

Temos nesse sentido alguns bons e bem sucedidos exemplos de empresas que investem parte de seu lucro bruto em projetos sociais, a Fundação Orsa tem o Grupo Orsa como suporte e o grupo ucativa dirigida a crianças e adolescentes em

**Portanto, hoje ao falarmos de responsabilidade social estamos abordando uma temática que se tornou uma questão de investimento para o mundo empresarial, pois, podem se tornar uma via para o próprio desenvolvimento sustentável.**

---

investe 1% de seu faturamento anual bruto em projetos de formação sócio-educativa dirigida a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

A Fundação Orsa atua em primeiro lugar com a estratégia de delimitação de um território, ou seja, procura em seu entorno comunidades que realmente vivam situações de vulnerabilidade sócio-econômica. A partir dessa delimitação as equipes de trabalho constroem sua atuação por meio de três eixos: sensibilização dos atores sociais, estudo de viabilidade social e monitoramento / avaliação, após essa etapa desenvolve-se um Plano de Desenvolvimento Local por meio de um processo de gestão participativa, em que a comunidade participa como interlocutora de todo o processo.

A Fundação ABRINQ incentiva, apóia e fomenta projetos sociais destinados também a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, inclusive criou o Selo Empresa Amiga da Criança como uma forma de premiar empresas que não utilizam mão-de-obra infantil e contribuam para a melhoria das condições de vida de crianças e adolescentes.

Outro exemplo importante é o da Fundação Roberto Marinho, que obviamente tem as Organizações Roberto Marinho como suporte e desenvolve projetos de educação e cultura como: Aprendiz Legal que trabalha com capacitação profissional de adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos, encaminhando-os para o mercado de trabalho por meio da Lei do Aprendiz. Caminho das Águas voltado para alunos do ensino fundamental incentivando o estudo e preservação de bacias hidrográficas em todo o país. Prêmio Jovem Cientista que incentiva a produção científica, além de programas educativos Tecendo o Saber, Telecurso 2000, Globo Ciência, Globo Ecologia e o Canal Futura.

No entanto, para que essas ações sócias tenham repercussão e perenidade essas empresas desenvolvem uma rede de parcerias que contribuem para o sucesso de seus projetos, a Fundação Roberto Marinho por exemplo busca permanentemente parceiros entre outras empresas privadas, poder

público, comunidades, universidades, sindicatos e instituições que tornam-se multiplicadores dos projetos implementados pela Fundação em todo o Brasil.

Para conquistar novas parcerias e captar recursos, a Fundação Roberto Marinho tem uma Gerência de Desenvolvimento Institucional. Mas a viabilização dos projetos depende de sua sustentabilidade. A primeira condição para que seja alcançada é a construção de um capital social com a comunidade, para que ela se aproprie do projeto.

Estes são apenas alguns exemplos de empresas que ao longo de sua história construíram uma consciência institucional de que a responsabilidade social é um investimento que deve ser levado a sério, com profissionalismo e consequência, principalmente num país como o Brasil que ainda carece em algumas regiões de infraestrutura básica como água e esgoto, que tem milhares de pessoas vivendo na linha tênue entre a pobreza e a miséria, apesar do governo alegar o contrário.

Mas ao mesmo tempo temos que ainda refletir que o capital de forma geral e global, não está preocupado com questões sociais, pois se de um lado temos uma Fundação como a do Grupo Orsa, por outro lado temos a visão do Presidente do Grupo Chrysler (Robert Eaton), questionado sobre a responsabilidade social das empresas transacionais pelo, então, secretário do trabalho (Robert Reich) dos EUA durante o governo Clinton, Eaton responde: “o papel das corporações é, em primeiro lugar, crescer; depois, remunerar adequadamente seus acionistas e gerar empregos possíveis”.

Dessa maneira, na atual conjuntura do capitalismo internacional com a globalização com a quebra de barreiras alfandegárias entre os países, avanço tecnológico, fracionamento das cadeias produtivas, desemprego estrutura e fragilidade dos Estados Nacionais tem-se muito ainda a ser questionado, principalmente entre a empresas transnacionais a respeito de sua responsabilidade social.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo essa reflexão com a epígrafe do início, ainda estamos procurando uma resposta humanamente possível, para as demandas do mundo capitalista, que como vimos desde o seu início se preocupa pouco ou quase nada com o ser humano. O que temos atualmente em termos de responsabilidade social é o fato de que as empresas nacionais tem uma preocupação maior com essa questão, mas a maioria dos empresários somente consegue visualizar o social como um investimento ou ainda, como muitos, não conseguem visualizá-lo nem como investimento.

Evoluímos tanto tecnologicamente, hoje em dia se fala na sociedade da informação e do ponto de vista das relações humanas ainda estamos vivendo os primórdios da Revolução Industrial, a questão básica do conflito entre capital / trabalho continua da mesma forma, pois, os dois relatos do século XIX a respeito da vida dos trabalhadores podem muito bem expressar a realidade contemporânea de qualquer trabalhador do século XXI em países como o Brasil, por exemplo.

Portanto, na primeira década do terceiro milênio ainda vivemos o mesmo desafio dos séculos XVIII e XIX como enfrentar a realidade da massa de excluídos do processo de produção de riqueza, de que forma poderemos viver num planeta que não seja dividido entre poucos ricos imersos em bolsões de pobreza e miséria. A África como um todo é um continente fadado à extinção e não estamos falando de elefantes ou leões, mas sim dos seres humanos, como viver em lugares com campos de refugiados onde 90% dessas populações são portadoras de HIV positivo? Ou o capital toma realmente consciência de sua responsabilidade social ou a vida no planeta será insuportável social e ecologicamente.

**Ainda estamos procurando uma resposta humanamente possível, para as demandas do mundo capitalista, que como vimos desde o seu início se preocupa pouco ou quase nada com o ser humano.**

#### 5- REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ARENDET, HANNA. **A dignidade da política: ensaios e conferência.** Organizador, Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1993.

CHAUÍ, M. DE SOUZA. **Escritos Sobre a Universidade.** São Paulo: Unesp, 2001.

DUPAS, GILBERTO. **A lógica da economia global e a exclusão social.** *Estudos Avançados.* São Paulo, v. 12, n. 34, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 19 Ago 2006.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Coleção Leitura, 6 ed. São Paulo: Paz e Terra.

FONTES, MIGUEL. **Social não é gasto nem custo, é investimento.** Disponível em [www.responsabilidadesocial.org.br](http://www.responsabilidadesocial.org.br). Acesso em 27/05/2005.

HOBSBAWN, ERIC J. **A era do capital – 1848-1875.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ROTHGIESSER, TANVA. **Quem é socialmente responsável?** Disponível em: [www.responsabilidadesocial.org.br](http://www.responsabilidadesocial.org.br). Acesso em 27/05/2007.

WILSON, EDMUND. **Rumo à Estação Finlândia.** 4 ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp.132-133.

Z A B G H E L L I N I , V A L É R Y . **Connaissance du monde contemporain.** Paris: Belin, 1985.

[www.sebrae.org.br](http://www.sebrae.org.br) “ Responsabilidade Social” acesso em 27/05/2007.